

UNB/UAB – INSTITUTO DE ARTES

HÉLIO MENDES DE OLIVEIRA CAMPOS

**A PINTURA EM CABAÇA COMO MEIO TRANSVERSAL
PARA RESGATE DA CULTURA LOCAL DO MUNICÍPIO DE LUZIÂNIA-GO.**

Luziânia

2012

HÉLIO MENDES DE OLIVEIRA CAMPOS

**A PINTURA EM CABAÇA COMO MEIO TRANSVERSAL
PARA RESGATE DA CULTURA LOCAL DO MUNICÍPIO DE LUZIÂNIA-GO.**

Trabalho de conclusão de curso
apresentado como requisito para
aprovação do Curso de Artes Visuais.

Orientadora: Joelma de Oliveira Moura.

Luziânia

2012



UNB/UAB – INSTITUTO DE ARTES

HÉLIO MENDES DE OLIVEIRA CAMPOS

**A PINTURA EM CABAÇA COMO MEIO TRANSVERSAL
PARA RESGATE DA CULTURA LOCAL DO MUNICÍPIO DE LUZIÂNIA-GO.**

DEFESA PÚBLICA em: Brasília, 12 de dezembro de 2012.

BANCA EXAMINADORA:

Professora Daniela Cureau M. Ferreira / UnB

Professora Alexandra Cristina Moreira Caetano / UnB

Supervisora do Curso Prof^ª. Dra. Thérèse H.G.R. da Costa / UnB

Professora Orientadora Joelma de Oliveira Moura / UnB

Luziânia

2012



UNB/UAB – INSTITUTO DE ARTES

HÉLIO MENDES DE OLIVEIRA CAMPOS

**A PINTURA EM CABAÇA COMO MEIO TRANSVERSAL
PARA RESGATE DA CULTURA LOCAL DO MUNICÍPIO DE LUZIÂNIA-GO.**

Esta monografia foi revisada após a defesa em banca e está aprovada.

Orientador (a)

Luziânia

2012

RESUMO

O presente estudo teve como objetivo identificar de que forma a arte pode auxiliar na preservação da cultura local de uma cidade e motivar os alunos e a comunidade na preservação dessa cultura. Para tanto se idealizou uma pesquisa de cunho bibliográfico que deu suporte a uma pesquisa de campo, na qual os alunos foram convidados a buscar a preservação da cultura local, através da pintura em cabaças. A idéia central desse projeto era o de incentivar os alunos a retratar nas cabaças ícones da cultura local da cidade de Luziânia-GO, nesse contexto, as oficinas de arte, ensinavam a técnica de pintura dos locais e esses se encarregavam de retratar nas cabaças as manifestações artísticas e os pontos turísticos e históricos da cidade. Essa experiência auxilia o aluno a lançar um novo olhar, sobre os monumentos e sobre a cultura de sua cidade, valorizando-os, o que é indispensável para se pensar em preservação cultural. Outro viés desse experimento era o de ensinar a técnica do pontilhismo, tão utilizada por mestres da pintura, como Seraut e os impressionistas franceses, dando oportunidade aos alunos para conhecer um pouco mais sobre a técnica e também fazer uso dela, mostrando aos alunos que arte é um processo construtivo que não tem fim e, que as técnicas usadas pelos grandes pintores do passado poderiam, também, ser utilizada pelos alunos, caso esses quisessem. A aceitação do projeto foi imediata e a participação da comunidade local foi efetiva. O problema que deu origem a esse estudo foi: de que forma a arte pode auxiliar na preservação da cultura de uma determinada região ou povo? As conclusões a que se chega é que a arte pode servir como um elemento de preservação cultural se houver um engajamento da comunidade. No entanto, para isso é preciso compreender esse potencial. Os professores de arte tem um papel fundamental na criação de consciência, porém, é preciso que a arte não seja mostrada como um objeto puramente didático, mas também uma disciplina prática que auxilia o aluno a compreender sua interação com o meio em que vive.

Palavras-chave: Arte; Cultura Local; Preservação, Pintura; Cabaça.

ABSTRACT

This study aimed to identify how art can help in the preservation of the local culture of a city and motivate students and the community in preserving that culture. For both idealized become a hallmark of research literature that gave support to a field survey in which students were asked to seek the preservation of local culture, through painting on gourds. The central idea of this project was to encourage students to portray the gourds icons of the local culture of the city of Luziânia-GO, in this context, art workshops, taught painting technique to these sites and undertook to portray in the gourds artistic and historical attractions and the city. This experience helps the student to take a fresh look on the monuments and the culture of her city, valuing them, which is indispensable for thinking about cultural preservation. Another bias of this experiment was to teach the technique of pointillism, as used by master painters such as Seraut and the French Impressionists, giving students the opportunity to learn a little more about the technique and also make use of it, showing students that art is a constructive process that has no end, and that the techniques used by the great painters of the past could also be used by students if they wanted these. The project acceptance was immediate and local community participation was effective. The problem that gave rise to this study: how art can assist in preserving the culture of a particular region or people? The conclusions reached is that art can serve as an element of cultural preservation if there is a community engagement. However, it is necessary to understand that potential. The art teachers have a key role in creating awareness, however, is that art need not be shown as an object purely didactic, but also a practical discipline that helps the student to understand their interaction with the environment they live.

Keywords: Art, Local Culture, Preservation, Painting, Gourd

LISTA DE FIGURAS

Figura (1): Pintura rupestre da Caverna de Altamira.....	p. 13
Figura (2): Pinturas rupestres na Caverna de Altamira.....	p. 15
Figura (3): A fuga para o Egito – Giotto (1305-1306).....	p. 16
Figura (4): O homem vitruviano – Leonardo da Vinci – 1490.....	p. 17
Figura (5): Estudos Anatômicos do Ombro – Leonardo da Vinci.....	p. 18
Figura (6): Guernica – Pablo Picasso – 1937.....	p. 18
Figura (7): Pintura corporal indígena – festival do Kuarup.....	p. 19
Figura (8): Retrato India Tapuia – Eckhout – 1632.....	p. 20
Figura (9): Jogo de Urucungo – Jean-Baptiste Debret.....	p. 21
Figura (10): Pintura de Mestre Ataíde na Igreja Matriz de Santa Barbara – MG.....	p. 22
Figura (11): Independência ou Morte – Pedro Américo – 1888.....	p. 23
Figura (12): O Abaporu – Tarsila do Amaral – 1928.....	p. 24
Figura (13): A Criança morta – Candido Portinari - 1944.....	p. 24
Figura (14): Carnaval – Di Cavalcanti - 1965.....	p. 25
Figura (15): Catira – Dança praticada em Luziânia-Go.....	p. 29
Figura (16): Igreja de Nossa Senhora do Rosário – Luziânia – Go.....	p. 29
Figura (17): Impressão, nascer do sol – Claude Monet – 1872.....	p. 31
Figura (18): <i>A Sunday Afternoon on the Island of La Grand Jatte</i>	p. 32
Figura (19): Cabaça.....	p. 34
Figura (20): Bonecas em cabaça e papel machê.....	p. 34
Figura (21): Estudo para confecção de trabalho em cabaça.....	p. 36
Figura (22): Treino da técnica pontilhista em outros suportes.....	p. 38
Figura (23): Pincéis usados para pintura em cabaça.....	p. 38
Figura (24): Tintas acrílicas e tintas óleo.....	p. 38
Figura (25): Materiais diversos usados na pintura em cabaça.....	p. 39
Figura (26): Cabaças pintadas por alunos do projeto.....	p. 39

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1. UM PANORAMA ACERCA DA ARTE COMO MANIFESTAÇÃO HUMANA ...	12
1.1. A arte enquanto instrumento de preservação cultural	14
1.2. A Pintura Brasileira e a Preservação da Cultura e da História.....	19
1.3. A importância de se investir na preservação da cultura.....	25
2. PRESERVANDO A CULTURA EM LUZIÂNIA-GO.....	28
2.1. A arte em cabaça.....	33
3. PROPOSTA TRIANGULAR DO ESTUDO	35
3.1. Descrição das atividades e uso de materiais.....	37
4. BENEFÍCIOS DO PROJETO DE PINTURAS EM CABAÇAS	40
4.1. Alcance didático do projeto	42
4.2. Recomendações e técnicas para melhor resultado.....	42
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	43
REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS	44

INTRODUÇÃO

A arte como uma manifestação dinâmica confere uma importância que vai além da disciplina no currículo escolar, sendo processo que lapida no indivíduo a sensibilidade. Esta disciplina constantemente abre portas para um caminho de múltiplas possibilidades, nas quais, é permitido improvisar, transformar e entrelaçar conhecimentos, enfim, entrar no terreno criativo da condição humana.

A vivência artística influencia o modo como se aprende, como se comunica e como se interpreta os significados do cotidiano. Desta forma, a arte contribui para o desenvolvimento de diferentes competências, que se refletem no modo como se pensa e na consequente produção a partir desse pensamento.

Em face dessas observações, o presente estudo partiu do seguinte questionamento: de que forma a arte pode auxiliar na preservação da cultura de uma determinada região ou povo?. É fato que numa sociedade consumista/materialista como a atual, em função da vida estressante e da agitação do dia a dia, as pessoas tem deixado pouco espaço em suas vidas para apreciar a arte. Ocorre que a arte tem um papel fundamental na vida dos indivíduos, não apenas como objeto de contemplação cognitiva, mas também como importante instrumento de formação de consciência crítica e saberes.

Outrossim, é importante ratificar que uma das vertentes dessa consciência a aprender a valorizar a cultura artística, tendo em vista que a arte serviu a humanidade durante séculos como um instrumento de preservação de legados. As pinturas nas cavernas e nos sítios arqueológicos demonstram que o homem pré-histórico já preservava suas tradições e protegia seu legado registrando-o pictograficamente nas paredes das cavernas.

Como se observa a arte não tem um papel puramente contemplativo, mas também pode servir como instrumento de preservação histórica. É nessa vertente que investe esse estudo. Visto que as tradições culturais, quando não preservadas, venham a desaparecer, faz-se necessário criar nas pessoas o desejo, a intenção, o *animus* em preservar. Porém, como preservar algo que não se valoriza? Como preservar algo que nosso olhar do dia a dia já se acostumou? Como preservar algo que a degradação é vista de forma natural? Para preservar é preciso primeiro tomar ciência da importância dessa preservação, em seguida treinar o olhar para observar a beleza que existe por trás de cada manifestação cultural, artística e arquitetônica, enfim treinar o olhar para ver de forma diferente o que já nos é comum.

Para preservar é preciso engajamento, em nenhuma sociedade desenvolvida o patrimônio cultural dessa sociedade é preservado apenas por meio da ação do Estado, é

preciso formar uma consciência crítica no cidadão, a fim de que ele passe a ver na preservação um meio para dar continuidade ao legado de sua geração. Valorizar a cultura das comunidades locais é uma excelente forma de criar no cidadão o sentimento necessário ao engajamento. O indivíduo tem que ter interesse em preservar sua cultura, porém, para isso, é preciso, primeiro despertar seu olhar para a importância desse patrimônio não só para ele, como indivíduo, mas também, para toda a comunidade.

Mediante a esse contexto, o estudo sobre a preservação das raízes culturais do município de Luziânia-GO, por meio de um projeto de pintura em cabaças, é uma forma de engajar a comunidade Luzianense e, principalmente, a escolar, na tentativa de preservar parte do legado histórico e cultural da cidade, através da arte.

A oficina de pintura em cabaças é uma oportunidade para que os locais conheçam técnicas de pintura, que aliadas ao conhecimento da realidade histórico-cultural da cidade, tem um grande potencial de produzir preservação. Trazer o habitante local para esse tipo de projeto é uma forma de aguçar-lhe o olhar para os temas ligados a sua realidade e as suas vivências diárias, dando-lhe oportunidade de exteriorizar suas sensações, lembranças e concepções culturais por meio da pintura.

Além do exposto, o projeto de pintura em cabaças é uma forma de se ensinar a arte da pintura de uma maneira menos formal, mais lúdica e com um engajamento maior da sociedade, em virtude da aproximação de temas que lhes são familiares. A arte pictográfica deixa de ser apenas um elemento disciplinar distante de sua realidade e passa a ser uma forma prática de extravasar sua criatividade, mediante as propostas colocadas.

Neste contexto, os objetivos específicos propostos neste estudo foram:

- ✓ Traçar um panorama conceitual acerca da importância da arte como elemento de formação da consciência crítica e de preservação cultural;
- ✓ Identificar como a pintura em cabaças pode auxiliar no processo de preservação cultural local da cidade de Luziânia-GO;
- ✓ Avaliar quais os benefícios que o conhecimento ligado à arte e a preservação cultural podem trazer para a comunidade local, principalmente para os participantes do projeto de pintura em cabaças.

A metodologia para confecção deste trabalho valeu-se de uma pesquisa de campo, que se balizou numa revisão da literatura, fruto de uma pesquisa bibliográfica, para nortear as conclusões aqui expostas.

Para explicar de forma mais harmônica o presente estudo, o mesmo foi dividido em quatro capítulos, a saber:

No primeiro capítulo buscou-se traçar um panorama acerca da arte como manifestação humana, logo em seguida, foi mostrado a arte como instrumento de preservação cultural, posteriormente, versei sobre a pintura brasileira e a preservação da cultura e da história, fechando o capítulo com uma explanação acerca da importância de investir na preservação cultural;

No segundo, o foco do trabalho voltou-se para a preservação da cultura em Luziânia-GO; mostrando, também uma pequena explanação sobre a arte em cabaça;

No terceiro, foi mostrado qual a proposta triangular do estudo e descrito quais as atividades propostas e os materiais usados no projeto de pintura em cabaças;

No quarto e último capítulo, mostrou-se os benefícios do projeto de pintura em cabaças, qual o alcance didático do projeto e as recomendações técnicas para um melhor resultado em projetos futuros.

Por fim, as conclusões aqui expostas demonstram as percepções do pesquisador acerca do tema estudado, bem como os resultados de suas investigações teóricas e de campo.

1. UM PANORAMA ACERCA DA ARTE COMO MANIFESTAÇÃO HUMANA

De acordo com Shusterman (1998) existem várias formas de se expressar os saberes artísticos, no entanto, mais importante do que expressar tais saberes é compreender o papel da arte na formação cultural de cada pessoa.

Ainda segundo o mesmo autor, a arte não pode ser compreendida como uma disciplina puramente didática, a que muitos adolescentes, jovens e adultos estão expostos nos seus anos pré-escolares, escolares ou até mesmo no ensino superior. Ao estudar arte, independentemente de em que âmbito escolar esteja o indivíduo a arte tem um papel formador. No entanto, um questionamento emana das concepções do autor, se a arte tem um papel formador, qual seria ele?

Para responder a essa pergunta Shusterman (1998) faz uma pequena retrospectiva temporal e analisa a importância da arte na evolução social do homem. Para início, o autor salienta que a arte surge do desenvolvimento cognitivo do indivíduo. A partir da necessidade de se associar a outros indivíduos, o homem passou a ser um animal social. Sua necessidade de acasalamento e de proteção levou-o a viver em grupos, nascem assim, as primeiras interações sociais. Dessas interações, posteriormente nasceu também a necessidade de deixar registrados fatos importantes do dia a dia dos indivíduos.

Uma das primeiras manifestações desse tipo de registro ocorreu no município espanhol de Santillana – na caverna de Altamira – onde foram encontradas pinturas rupestres com datação de aproximadamente 18.500 anos, (paleolítico superior). Fotos do local demonstram que os antigos habitantes da região tinham por hábito registrar nas paredes da Caverna de Altamira, suas caçadas, suas festas e cerimônias fúnebres. A figura (1) é um exemplar de uma imagem retirada da Caverna de Altamira¹ em 1985. Mostra um bisão, mamífero quadrúpede que servia de caça para os habitantes da região espanhola, no período paleolítico.

¹ A Caverna de Altamira é um dos sítios arqueológicos mais antigos que se tem notícia. Foi descoberto na região espanhola de Santillana Del Mar, na Cantábria. Esse sítio é repleto de cavernas de origem calcária onde já foram catalogadas mais de 600 descobertas arqueológicas, dentre as quais as representações pictográficas (pinturas rupestres de Altamira). SHUSTERMAN, Richard. Vivendo a arte. Pensamento pragmatista e estética popular. São Paulo: Editora 34, 1998. p.34.



Figura (1): Pintura Rupestre da Caverna de Altamira – Espanha.
Fonte: Shusterman – 1998.

Ainda de acordo com Shusterman (1998), o exemplo deixado pelos homens da antiguidade pré-histórica mostra que a passagem de um legado de uma geração para outra pode ser feita por meio de uma manifestação pictográfica.

Para Shusterman (1998), o próprio desenvolvimento de uma cultura baseado nos ideogramas fonéticos demanda da evolução natural da linguagem pictográfica antiga.

Neste contexto, Higounet (2003), a evolução natural do processo linguístico criou uma sistematização que se padronizou e se difundiu durante milhares de anos e que hoje é o maior meio de inter-relacionamento entre os povos. A produção escrita tornou-se um mecanismo de interação entre os sujeitos sociais. A transmissão de saber é apenas um dos aspectos dessa interação.

A escrita alfabética é a que apresenta um número menor de símbolos e permite a maior possibilidade de combinar os caracteres. O mais antigo sistema alfabético encontrado é o sírio, e foi localizado na cidade de Ras Shamra (Ugarit), sendo que o mesmo é datado do século XIV a.C e é utilizado para transcrever o ugarítico, uma das numerosas línguas utilizadas nesta região onde se concentrava uma grande parte do comércio da época.

Em função do comércio, os fenícios sentiram necessidade de um meio prático para facilitar a comunicação. Pressionados por essa necessidade, desenvolveram uma das mais fabulosas invenções da história humana: o alfabeto. Essa invenção era composta por 22 sinais, sendo, mais tarde, aperfeiçoada pelos gregos, que lhe acrescentaram outras letras. O alfabeto grego deu origem ao latino, o mais utilizado atualmente.

O desenvolvimento da escrita partiu da necessidade de comunicação dos diferentes indivíduos em sua esfera territorial. No entanto, à medida em que as sociedades começaram a se organizar e as interações passaram a transcender o universo das pequenas comunidades, os símbolos pictográficos que sucederam as pinturas rupestres passaram a ser insuficientes para delimitar as diferentes formas da natureza. Isso fez com que a sociedade humana encontrasse uma nova forma de transmissão de conhecimentos e saberes, assim, nasceu a escrita.

Para Higounet (2003), o grande ganho obtido pela escrita proporcionou o acúmulo de conhecimento organizado; ao mesmo tempo, perdeu-se o cunho participativo da forma oral de transmissão de conhecimento. A escrita desenvolveu-se, ao longo da História, e mostrou como as sociedades letradas distribuem, hoje, as atividades linguísticas entre as modalidades escrita e oral.

Note-se aí que o que hoje passou a ser conhecido como forma de expressão artística (arte rupestre) no passado antigo, era apenas uma forma de preservação da cultura e dos saberes de um povo.

Nesse contexto, Farthing; Cork (2010) buscam um conceito para a arte, porém, ao delimitar tal expressão, fazem questão de deixar claro que a arte é um ente difícil de definir, visto suas diversas modulações cognitivas e suas essências funcionais. Para Farthing; Cork (2010) um conceito que se aproxima de arte seria, “uma Técnica ou habilidade de caráter cognitivo produzido por atividade humana, balizada em percepções ou emoções, com o intuito de produzir significado aos estímulos exteriores ou interiores que permeiam o universo de quem a produz” (FARTHING; CORK, 2010, p. 29).

Ante ao exposto por Farthing; Cork (2010) há que se observar que a arte tem um viés de produção de consciência, a qual está ligada não só a exteriorização da arte produzida pelo artista, mas também a percepção dessa arte pelo próprio indivíduo. Neste contexto a arte seria uma forma de exteriorizar o que o artista sente ou observa e, como tal, a arte torna-se uma forma de preservar tais percepções do artista ou seus sentimentos no momento em que produziu sua arte.

1.1. A arte enquanto instrumento de preservação cultural

Como demonstrado por Farthing e Cork (2010), a arte tem um papel importante na preservação do legado de uma geração para outra, visto que é através da manifestação consciente do artista que a suas percepções acerca de fatos ou sentimentos se perpetuam pela história.

Farthing e Cork (2010) explicitam vários momentos da história da humanidade em que a arte foi usada para registrar a história da sociedade humana. Inúmeros são os exemplos que poderiam ser dados aqui, porém, para facilitar e tornar mais didático a ilustração dos casos deixados pelos autores, optou-se por demonstrar dois exemplos.

O primeiro denota ao período pré-histórico, quando a arte da pintura foi usada para registrar o cotidiano dos povos caçadores da Caverna de Altamira na Espanha. Os relatos deixados pelos inúmeros desenhos rupestres mostram o dia-a-dia das sociedades primitivas e suas lutas pela sobrevivência. A figura (2) mostra o desenho de uma caçada e o registro das mãos dos antigos moradores da região, expostos nas paredes da Caverna de Altamira.



Figura (2): Pinturas rupestres na Caverna de Altamira
Fonte: Farthing e Cork (2010)

O segundo exemplo vem da Idade Média, onde a arte sacra foi utilizada para catequizar milhares de cristãos, que ainda não tinham acesso aos manuscritos bíblicos. A imagem, nesse caso servia para dar aos fieis uma visão dos textos sagrados, auxiliando o fortalecimento do Catolicismo pelo Velho Mundo (Europa).



Figura (3): a fuga para o Egito – Giotto (1305-1306).
Fonte: Farthing e Cork (2010)

Conforme mostrado por Farthing e Cork (2010), a arte, no contexto que foi mostrado acima tem como viés registrar e ultrapassar as barreiras temporais de cada época, projetando o legado cultura de uma determinada geração a outra. Por meio da arte é possível, inclusive produzir ideologias, como é o caso da catequização de fieis por parte de determinadas religiões, como a Católica, que se utilizou fortemente da arte renascentista para propagar os valores cristãos por toda a Europa e pelas colônias fora do Velho Continente.

Outro exemplo do poder que a arte tem de preservar o legado de uma geração ou de um artista é dado pela obra de Leonardo da Vinci, o grande pintor Italiano, que entre seus diversos trabalhos catalogados deixou um extenso número de desenhos, pinturas e afrescos que mostram projetos e estudos feitos pelo autor.

Leonardo da Vinci, além de pintor, era escultor, engenheiro, alquímico e inventor, encontram-se entre suas obras diversos estudos em perspectiva de dissecações para descrição anatômica e estudos relacionados à metrologia e inventos.

Abaixo, uma de suas mais famosas obras, “O homem vitruviano”, mostrado aqui na obra “*Como apreciar a arte: do saber ao sabor: uma síntese possível*” de Armino Trevisan (2002).

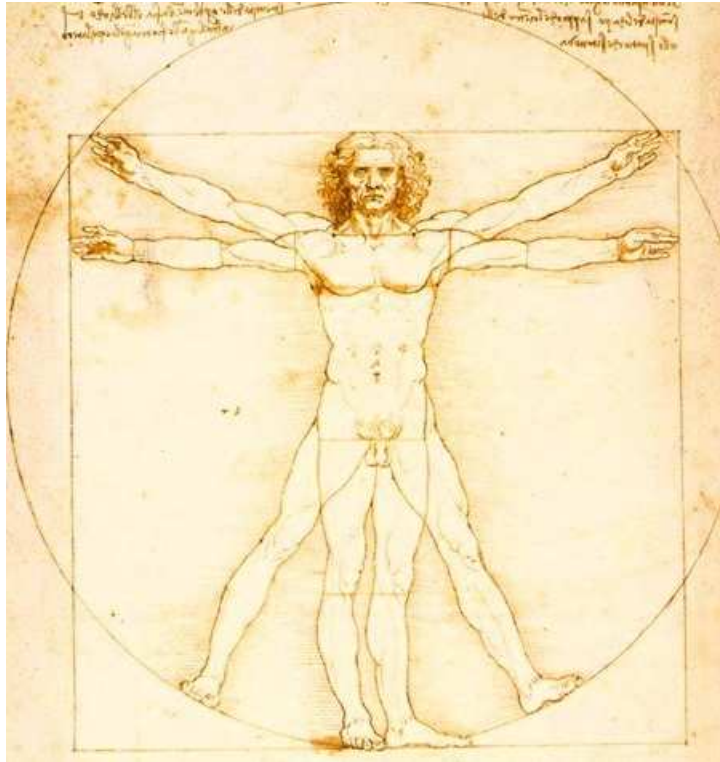


Figura (4): o homem vitruviano – Leonardo da Vinci – 1490
Fonte: Trevisan (2002).

O homem vitruviano é um desenho que faz parte de estudos sobre proporções realizados por Leonardo da Vinci, em 1490. Da mesma forma, Da Vinci utilizou-se de seus conhecimentos em desenho para ilustrar aulas de anatomia humana, que posteriormente servirão de base para estudos de outros anatomistas e estudantes de anatomia de gerações pós-Da Vinci.

O objetivo desse desenho era perpetuar para as próximas gerações os estudos feitos por Leonard da Vinci sobre a anatomia musculoesquelética do ombro. Essa vertente da arte medieval demonstra que da Vinci utilizava-se de seus conhecimentos de desenho para ilustrar dissecações feitas por ele e por seus auxiliares em cadáveres. Tais estudos serviriam posteriormente para balizar novos trabalhos na área da pintura e também da escultura.

Na figura (5) é possível observar uma das facetas da arte no tocante ao ensino. A obra é “*Estudos anatômicos do ombro*” (1510-1511) de Da Vinci. Esse é um típico exemplo de como a arte pode ser utilizada como meio didático, para ensinar.



Figura (5): Estudos Anatômicos do Ombro – Leonardo da Vinci – 1510-1511.
Fonte: Trevisan (2002).

Para Farthing e Cork (2010), arte também pode ser utilizada, também para denunciar e, conseqüentemente para gerar consciência crítica. Um exemplo prático é a pintura de Pablo Picasso “*Guernica*” (1937), que buscou denunciar o massacre de civis pelas tropas que apoiavam o Ditador Franco na Espanha.



Figura (6): Guernica – Pablo Picasso – 1937
Fonte: Fonte: Trevisan (2002).

1.2. A Pintura Brasileira e a Preservação da Cultura e da História

De acordo com Amaral e Toral (2010), a arte é extremamente multifacetada, visto a riqueza cultural existente no país. Mesmo antes do descobrimento já era possível observar entre os indígenas uma riquíssima tradição artística permeada de diversas formas de manifestações culturais.

A pintura corporal é uma das manifestações indígenas que mais impressionou os primeiros portugueses que chegaram às chamadas “*terras brasilis*”. Os nativos tinham como hábito adornar seus corpos em diversos tipos de ocasiões, que iam desde rituais fúnebres ou até mesmo comemorar uma boa expedição de caça. Um exemplo de manifestação genuinamente dada pelos primeiros brasileiros é a pintura corporal, mostrado na figura (7):



Figura (7): Pintura corporal indígena – festival do Kuarup
Fonte: Funai - 2010

Ainda de acordo com Amaral e Toral (2010), entre os indígenas de diversas regiões brasileiras era comum pintar o corpo para festas ritualísticas e também para comemorar a passagem de uma fase da vida para outra, como por exemplo, da fase criança para a fase adolescente ou da adolescência para a vida adulta.

Os indígenas tinham por hábito usar pigmentos que eram comumente encontrados em plantas, animais e minerais próximas as suas aldeias. Embora o padrão pictográfico mudasse de acordo com a finalidade do evento, quase sempre prevaleciam padrões geométricos ou que auxiliassem na mimetização do indivíduo, fazendo-o camuflar-se facilmente com a paisagem

natural. Nas celebrações religiosas as cores e os desenhos eram feitos por um Xamã (pajé) e designavam os elementos de adoração de cada tipo de aldeia.

A pintura trazida às terras brasileiras pelos exploradores europeus tinha como função retratar inicialmente a vida na colônia. Neste contexto, era comum que nos navios que aportavam o Brasil, chegassem, também, diversos pintores, que tinham como tarefa retratar em suas telas um pouco das pessoas e das possessões, a fim de informar aos nobres europeus das possibilidades econômicas nas colônias além mar. Basicamente, nos primórdios da Colônia, a pintura produzida tinha um caráter basicamente documental, como se pode observar pelas telas de Albert Eckhout, pintor holandês, (1610-1666), que retratou o surgimento da colonização no Brasil. A obra abaixo retrata uma índia Tapuia.



Figura (8): Retrato Índia Tapuia – Eckhout – 1632
Fonte: Amaral e Toral (2010),

No fim do período colonial, Jean-Baptiste Debret (1768-1848) integrou à missão artística francesa que tinha como objetivo retratar a vida na colônia portuguesa na América. O legado de Debret auxiliou em muito a documentação da vida na colônia e serviu para

registrar o modus de vida dos locais do Rio de Janeiro em 1816. Na figura abaixo, é possível observar o olhar de Debret sobre uma das tradições culturais dos negros da época o “jogo de urucungo”.



Figura (9) – Jogo de Urucungo – Jean-Baptiste Debret
Fonte: Amaral e Toral (2010),

Outro importante período histórico retratado pela pintura brasileira foi as obras religiosas que foram disseminadas em todo território nacional pela Companhia de Jesus. Um importante pintor desse tipo de obra religiosa foi Manuel de costa Ataíde, também conhecido como Mestre Ataíde (1762-1830).

Suas obras se inspiravam no Barroco e no Rococó e tinham uma grande semelhança com a arte italiana, embora Mestre Ataíde nunca tenha saído do Brasil, constituindo sua obra quase que totalmente no Estado de Minas Gerais. Sua técnica era tão boa que conquistou uma legião de seguidores que passaram a estudar suas perspectivas e suas formas de composição.

Entre suas principais realizações estão diversas capelas e, principalmente o teto da Igreja Matriz de Santo Antônio, em Santa Bárbara. Abaixo uma pintura no teto da referida igreja.



Figura (10) – Pintura de Mestre Ataíde na Igreja Matriz de Santa Barbara - MG
 Fonte: Amaral e Toral (2010),

O século XIX trouxe uma nova estética para a pintura brasileira, deixando os temas religiosos de lado e buscando a retratação da realidade cotidiana nos brasileiros comuns ou da nobreza.

A influência do romantismo na pintura pode ser conferida nos traços idealizados de grandes pintores nesse período, que buscavam retratar não a realidade, mas o ideal envolvido nas revoluções que varreram o planeta à época. Destacam-se nesse período Pedro Américo (1843-1905), que retratou o grito da independência dado por D. Pedro I, as margens do Rio Ipiranga.

A obra “Independência ou morte” de Pedro Américo é um exemplo da pintura idealizada, não real, que tinha nítida influência no estilo épico dos europeus de pintarem grandes feitos históricos. Na figura (11) é possível observar os traços desse pintor:



Figura (11): Independência ou Morte – Pedro Américo – 1888
 Fonte: Amaral e Toral (2010),

Ainda de acordo com Amaral e Toral (2010), com a chegada do século XX, os brasileiros influenciados pela semana de Arte Moderna de 1922, passaram a buscar novas fontes de inspiração, que delimitasse uma estética propriamente nacional, nasce daí o Movimento Antropofágico, que buscava a afirmação de uma identidade genuinamente natural pelo reciclar da cultura exógena, ou seja, vinda de fora do Brasil.

Alguns pintores se destacam nesse período, no entanto o maior nome de expressão no campo da pintura foi Tarsila do Amaral (1886-1973), que entre suas obras mais importantes, pintou o “Abaporu” (1928).

O Abaporu é uma palavra que desce da língua tupi-guarani e quer dizer “o homem que come”, essa pintura foi presenteado por Tarsila do Amaral ao seu segundo marido, Oswald de Andrade, que de imediato achou a figura grotesca, no entanto após as explicações dadas por Tarsila, explicando a origem etimológica da palavra, Oswald inspirou-se na pintura para escrever o Manifesto Antropofágico que, conseqüentemente deu origem ao movimento de igual nome.

A figura (12) ilustra o quadro de Tarsila do Amaral pintado em 1928.



Figura (12): O Abaporu – Tarsila do Amaral – 1928
 Fonte: Amaral e Toral (2010),

O Abaporu inaugura uma nova era na pintura brasileira, na qual os pintores brasileiros buscavam uma identidade própria, não mais apenas preocupada em mostrar a beleza estética ou retratar fatos idealizados ou históricos. A pintura brasileira começa a destacar-se por mostrar a realidade e a cultura nacional e, nesse contexto, diversos autores se destacam. Abaixo, na figura (13), observa-se um quadro de Candido Portinari (1903-1962).



Figura (13): A Criança morta – Candido Portinari - 1944
 Fonte: Amaral e Toral (2010),

Portinari, tal qual Pablo Picasso usa sua obra “*Criança morta*” para denunciar um drama brasileiro, as péssimas condições de vida do retirante nordestino, que é forçado a fugir da seca para não morrer de fome.

Segundo Trevisan (2002), um dos pintores que melhor conseguiu captar uma tradição cultural capaz de projetar o nome no Brasil no exterior: o carnaval, foi Di Cavalcanti (1897-1976). Sua obra “Carnaval” é mostrada na figura (14):



Figura (14): Carnaval – Di Cavalcanti - 1965
Fonte: Trevisan (2002),

A pintura “Carnaval” de Di Cavalcanti mostra o cenário lúdico de uma festa carnavalesca, onde as composições de cores fortes dão o tom festivo do evento. Essa obra, em especial, mostra a capacidade que tem a pintura para preservar na memória do observador um evento cultural de uma comunidade em uma determinada época.

1.3. A importância de se investir na preservação da cultura

Antes de iniciar um estudo mais aprofundado sobre a pintura regional brasileira é importante salientar qual o papel que a arte tem na preservação da cultura de um povo. Neste contexto, faz-se necessário salientar que a preservação da cultura baseia-se na valorização das tradições e na percepção da importância que essa preservação tem para a continuidade das relações sociais. Esse é um ponto compartilhado por Simão (2001), que em sua obra “*Preservação do Patrimônio cultural em cidades*”, busca mostrar que a preservação dos sítios arquitetônicos é importante, porque esse é o espaço das múltiplas interações que compõem a vida social e a conta à história das cidades.

No entanto, como salienta o autor, a sociedade brasileira atual tem priorizado pouco essa preservação. Na concepção de Simão, isso decorre do fato de existir pouca identificação entre os cidadãos e o patrimônio material e cultural de suas regiões. Isso decorre principalmente de um processo de rompimento com o passado, proporcionado pela crença de que as “coisas” da atualidade são melhores. Para afirmar sua tese a autora cita a mídia como instrumento indutor desse tipo de pensamento.

Quantas propagandas não buscam a estimulação das pessoas para consumir sempre algo novo, salientando, muitas vezes, novidades que são quase imperceptíveis em objetos que já existem. Muitas vezes se compra um novo aparelho de televisão somente porque ele possui uma determinada função que o anterior não possuía, isso por si só não deveria constituir um motivo para que as pessoas trocassem seus antigos aparelhos de TV, no entanto, passa-se ao consumidor, através da mídia, que o fato de possuir um equipamento moderno torna-o diferenciado em relação aos demais. Essa diferenciação confere ao consumidor um *status*, que atua em seu ego e dá a ele a sensação de certa superioridade.

Para Simão (2001), esse rompimento com as tradições do passado tem sido transferido também para questões mais subjetivas, como por exemplo, para o olhar dos indivíduos quanto à necessidade de preservar o patrimônio, artístico e cultural de suas cidades. As consequências dessa falta de motivação para preservar a cultura ancestral têm levado muitos patrimônios arquitetônicos e culturais ao limite de suas condições funcionais. Em países desenvolvidos, a mentalidade quanto à preservação é diferenciada. Observe-se o caso de França, onde 2/3 do PIB é proporcionado pela renda com o turismo. Isso significa um volume gigantesco de recursos para o país, o que faz com que a França tenha um dos patrimônios culturais e arquitetônicos mais bem preservados do mundo.

Como salienta a autora, a preservação, como atividade de Estado, embora não possa se limitar aos aspectos puramente turísticos e financeiros, não consegue se manter se não houver aporte de capital para ser reinvestido na preservação dos sítios arquitetônicos e na manutenção de atividades culturais típicas de cada região, dessa forma, os governos e a sociedade precisam encontrar maneiras de garantir a preservação do patrimônio cultural e arquitetônico, porém sem esquecer das fontes para manutenção desse patrimônio.

Artigo escrito por Yara Medeiros (2008), intitulado “*Cultura na Equação da Economia*”, mostra que as recentes exposições trazidas ao Brasil, como a do pintor Impressionista, Claude Monet (1997) e Pablo Picasso (2004) que foram expostas no Rio de Janeiro e São Paulo tiveram uma grande participação de público, sendo que somente a exposição de Monet, em 1997, atraiu aproximadamente 432 mil pessoas no Rio de Janeiro.

No período em que ocorreu a exposição a lotação dos hotéis na região próxima ao Museu Nacional de Belas Artes superou a casa de 83%. Dados econômicos demonstram que aproximadamente 7% dos visitantes da exposição eram de pessoas vindas de outros estados brasileiros e até de outros países latinos.

Isso demonstra que há interesse da população por arte, e, em especial pela pintura. No entanto, é preciso que haja incentivos para a formação de novos espectadores, como argumenta Medeiros (2008). Tal incentivo, na concepção da autora deve iniciar-se ainda na infância com a criação do hábito de frequentar ambientes culturais, a ponto de a cultura fazer parte da atividade cotidiana das pessoas. Segundo Medeiros (2008), os grandes eventos como as exposições ocorridas no Rio de Janeiro e São Paulo tem o poder de atrair grandes massas populacionais para conhecer a obra dos grandes mestres, no entanto o papel de forma apreciadores da arte deve iniciar-se de maneira específica, em cada região do país, com a valorização da cultura local.

Para que esse intento seja conseguido é preciso haver uma união de forças entre o Estado e as comunidades. O Estado deve ceder os espaços adequados para as exposições e as comunidades devem se mobilizar para conhecer melhor e valorizar seus artistas locais. A escola também tem um papel fundamental nesse contexto, pois cabe a ela dar suporte para a compreensão das obras e do papel que a arte exerce na formação dos cidadãos, ressaltou a autora.

2. PRESERVANDO A CULTURA EM LUZIÂNIA-GO

Segundo dados do sítio eletrônico oficial da Prefeitura de Luziânia, a cidade, distante da capital do Estado de Goiás aproximadamente 162 Km, completou em 2012, 266 anos de história, tendo sido fundada em 13 de Dezembro de 1746, pelo Bandeirante Antônio Bueno de Azevedo, após encontrar ouro nas margens de um córrego que corta a cidade.

Segundo dados do Censo do IBGE (2012), Luziânia possui aproximadamente 174.500 habitantes dispostos em um território de 3.961,536 Km², com uma média de 44 habitantes por quilometro quadrado. 73,5% da população vive em área urbana, 19,5% da população encontra-se na faixa etária entre 30 e 39 anos, constituindo-se no grupo majoritário.

21,8% da população possuem até o Ensino Médio completo, 27,3%, o Ensino Fundamental e 6,4%, possui Educação Superior. O perfil médio de renda da população gira em, em média, em 2 salários mínimos.

A cultura de Luziânia não tem um padrão específico, próprio, não existe na cidade nenhuma festa ou comemoração característica da Região, no entanto, existem diversas manifestações culturais, comuns em outras cidades goianas e brasileiras, que também são comemoradas em Luziânia, como é o caso das festas religiosas típicas da Páscoa, Festa do Divino, Quaresma e celebração do dia de Reis, Congados e Cavalgadas em comemoração ao dia da Padroeira da cidade.

Segundo Faleiro (2010), a Catira, quase sempre é praticada por homens, mas, também é possível observar mulheres nessa manifestação folclórica. A dança inicia-se com três pares, em média, de homens colocados em partes opostas do tablado, que acompanham o ritmo de “modas de viola”, com movimentos típicos de mãos e pés, batendo no tablado em um ritmo que lembra um batoque.

Na figura (15) é possível observar a Catira, uma dança que tem suas origens nas expedições bandeirantes, no Período Colonial, tendo chegado a Região por meio dos primeiros exploradores do Local.



Figura (15): Catira – Dança praticada em Luziânia-GO
Fonte: Faleiros - 2010

Luziânia é uma cidade de história muito longa e, em virtude disso, possui, também um sítio arquitetônico muito antigo, principalmente no Centro Histórico da cidade. Em diversas localidades do município é possível encontrar atrações turísticas que vão desde o matrimônio natural (cachoeiras, rios, trilhas, matas), como, também diversos exemplos de patrimônio arquitetônico de grande valor histórico. A Igreja de Nossa Senhora do Rosário, construída no Século XVIII, é um exemplo desse patrimônio, mostrada na figura (16):



Figura (16): Igreja de Nossa Senhora do Rosário – Luziânia – GO
Fonte: Prefeitura Municipal de Luziânia – 2012.

A preservação da cultura luzianense não possui nenhum órgão específico, sendo que alguns monumentos, como a Igreja de Nossa Senhora do Rosário é tombada pelo Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, recebendo subvenções governamentais para a manutenção do seu sítio arquitetônico. A diocese local também se encarrega de preservar o espaço, mas não há nenhum outro tipo de convênio municipal ou estadual nesse sentido.

As demais obras da arquitetura colonial que estão presentes em Luziânia sofrem com a degradação causada pelo tempo e, como não há o auxílio governamental para a manutenção desses espaços, que em sua maioria são privados, os mesmos acabam sendo descaracterizados para dar lugar a novos empreendimentos, como pousadas, bares, estacionamentos, um fenômeno semelhante ao que vem acontecendo em outras cidades brasileiras.

Uma forma para deter essa degradação do patrimônio histórico seria conscientizar a população a lutar pela preservação e, neste contexto, os esforços de projetos nascidos dentro das escolas e de algumas Organizações Não Governamentais, que buscam preservar a cultura local, tem sido bastante expressivos.

O que se busca com o projeto de pintura em cabaças, que será mostrado mais adiante, é criar possibilidades de se pensar e de se colocar em prática uma "forma" de ensino-aprendizagem que garanta a valorização do patrimônio histórico e das tradições culturais da cidade. Essa perspectiva de incluir o reconhecimento do passado para se atingir uma educação, ou uma aprendizagem integradora das diversas culturas aparece constantemente na obra de Edgar Morin (2000b), onde diz o autor, que:

(...) não se deve mais continuar a opor o futuro radiante ao passado de servidão e de superstições. Todas as culturas têm virtudes, experiências, sabedorias, ao mesmo tempo, que, têm carências e ignorâncias. É no encontro com seu passado que um grupo humano encontra energia para enfrentar seu presente e preparar seu futuro. A busca do futuro melhor deve ser complementar, não mais antagônica, ao reencontro com o passado”(MORIN, 2000, p.77).

A perspectiva que deu motivação à criação do projeto de pinturas em cabaças foi o de unir preservação, história e arte. Durante algum tempo, os professores envolvidos no projeto discutiram formas de incentivar os alunos a prestarem mais atenção nas aulas de arte. No entanto, o que se percebia é que tais alunos não viam a disciplina como algo capaz de modificar nada em suas rotinas. O grupo de professores envolvidos na disciplina chegou à conclusão que seria necessário mostrar aos alunos um tipo de arte que não fosse puramente teórica, daí nasceu o projeto, que tinha como viés aproximar o aluno que tivesse interesse de um aspecto mais prático da arte. Não se tinha como motivação formar artistas, mas tão somente promover uma interação prática do aluno com a arte, de forma tal que ao produzir arte o mesmo pudesse entender o quanto é importante preservá-la.

Baseado na observação de workshops em sala de aula, palestras e exposições de imagens nas aulas, chegou-se a conclusão que uma das formas de expressão artística que mais chamavam atenção dos alunos era justamente a pintura, e, dentre os mais diversos estilos que chamaram a atenção dos mesmos ficou nítida uma preferência pelos pintores impressionistas.

Segundo Little (2011), o impressionismo foi um movimento artístico nascido na pintura francesa do século XIX, que tem em Claude Monet um de seus principais expoentes. Foi a partir de uma pintura de Monet que surgiu a inspiração para denominar o movimento impressionista, “impressão, nascer do sol” (1872). Os pintores que abraçaram essa vertente impressionista não tinham preocupação em seguir os preceitos acadêmicos e romperam com a corrente estética que prevalecia na pintura da época, o Realismo. A luz e o movimento eram retratados com pinceladas soltas, os impressionistas preocupavam-se em mostrar em suas temáticas a realidade que vivenciavam, sem a idealização mostrada pelos pintores românticos. Havia uma valorização pela natureza e pela pintura de cenas do cotidiano das pessoas. Monet notabilizou-se pela pintura de jardins “as ninfeias”, enquanto Van Gogh destacava em sua pintura personagens que lhe eram próximos e cenas do seu cotidiano, como a pintura de girassóis ou o próprio ambiente de seu quarto. Renoir preferia retratar bailarinas e cenas do cotidiano, como uma típica festa burguesa nos arredores de Paris.

Abaixo, na figura (17) mostra a obra que deu origem à escola impressionista, “Impressão, nascer do Sol” de 1872, na qual Monet desconstrói a imagem por meio da justaposição de diversas camadas, dando a “impressão” de que há uma pessoa em uma pequena canoa a remar num lago, nas primeiras horas da manhã.



Figura (17): Impressão, nascer do sol – Claude Monet – 1872
Fonte: Google – 2012

De acordo com Little (2011), as técnicas usadas pelos impressionistas levaram, anos mais tarde, ao desenvolvimento de uma técnica bastante utilizada nesse tipo de pintura: o pontilhismo.

Little explica que o pontilhismo tem sua base na Lei das Cores Complementares, na qual a retina do espectador é que daria sentido à fusão dos pontos formando imagens. Um dos mestres dessa técnica foi Georges Seurat (1859-1891), que buscou a construção da imagem por meio de pontos. Se vistos muito de perto, os pontos isoladamente pouco aguçam a retina do espectador, porém, ao afastar os olhos, é possível verificar que a junção dos infinitos pontos projeta a figura na retina do espectador. Abaixo, na figura (18) uma obra de Georges Seurat.



Figura (18): *A Sunday Afternoon on the Island of La Grande Jatte*
Fonte: Google - 2012

Ao dar início à discussão do projeto com os alunos, os professores buscaram saber que tipo de arte pictórica chamava mais a atenção dos alunos e a obra de Georges Seurat foi a que produziu maior interesse, justamente pelo fato de haver uma construção de imagens a partir de minúsculos pontos.

O passo seguinte foi apresentar aos alunos, por meio de slides, fatos e aspectos que contam a história da cidade e que muitos desconhecem. A maior parte passou a escolher os monumentos que queriam retratar. Por não conseguir retratar a cultura não arquitetônica, visto que as festas populares necessitam de uma maior experiência com desenho, luz, perspectiva,

que a maior parte dos alunos não possui, não foi escolhida manifestação não arquitetônica para ser retratada.

2.1. A arte em cabaça

A escolha da Cabaça como matéria prima para ser utilizada no projeto com os alunos se deu em virtude de dois fatores:

1º) Fator econômico – visto que a maior parte dos alunos é de baixa renda, seria difícil idealizar um projeto, com participação popular, que dependesse do aporte de recursos de alto valor, em função da condição financeira da maior parte dos estudantes.

2º) Facilidade de encontrar a matéria prima: as cabaças (*Lagenaria siceraria*), são plantas de origem rupestre, também conhecida como porongo ou Jamaru, é facilmente encontrada em todo território nacional. Há mais de 500 anos os índios já utilizam a cabaça para os mais diversos fins. No fruto ainda verde, cada tribo desenhava traços específicos, representando sua etnia, e transformava as cabaças em moringas, bolsas, chocalhos e até brinquedos para as crianças. Algumas tribos untavam seu interior com uma substância enegrecida que evitava o ataque dos vermes. Outras cobriam seu exterior com desenhos geométricos, muitas vezes recorrendo à pirogravura (gravação com fogo). A superfície da cabaça pode ser utilizada como tela para a pintura e também para a modelagem de diversos tipos de artesanatos.

Escolheu-se a cabaça como meio para pintura, porque nas fazendas e chácaras e até mesmo na região urbana de Luziânia é comum encontrar facilmente esse fruto. Na maior parte dos casos, os alunos têm acesso às cabaças sem custos econômicos para sua obtenção, sendo que a própria população oferece gratuitamente as cabaças que são plantadas nos quintais ou na área rural próxima da cidade.

A figura (19) mostra uma cabaça seca:



Figura (19): cabaça.
Fonte: www.sementesonline.com.

A cabaça é muito utilizada nos mais diferentes tipos de artesanato. A figura (20) mostra bonecas feitas em cabaça, com acabamento em epóxi e outros materiais.



Figura (20): Bonecas em cabaça e papel machê.
Fonte: www.sementeonline.com.

A técnica de pintura em cabaças tem diversos apelos importantes, tais como: é ecologicamente sustentável, visto que não agride o meio ambiente, é um material acessível em quase todo território nacional, é economicamente possível, tendo em vista que o custo das cabaças, aceita diversos tipos de pigmentos, é fácil de manusear, não demanda habilidades extremas, apenas de condicionamento e treino e, sobretudo, é um produto que está associado ao artesanato local de várias regiões brasileiras, portanto tem uma identificação natural com a cultura local dos nativos de diversas regiões.

3. PROPOSTA TRIANGULAR DO ESTUDO

A Proposta Triangular teve como meta facilitar o aprendizado da arte dando ao estudante possibilidades de desenvolver o pensamento, a linguagem artística, balizando sua participação nas experiências e na realidade vivida em Luziânia-GO.

Buscou-se como essa proposta ensinar o estudante a observar mais atentamente a cidade de Luziânia-GO, dando-lhe a oportunidade de apreciar, com maior abrangência, tudo aquilo que servisse para mostrar a cidade, sob sua perspectiva pessoal e também com o intuito de preservar esse olhar para as próximas gerações.

A temática em torno das pinturas deveriam ater-se a preservação da cultura local, incentivando o aluno a pintar desde manifestações culturais comuns na cidade, até o patrimônio artístico, cultural e arquitetônico da cidade.

Segundo Medeiros (2008), um dos grandes problemas para a preservação da cultura brasileira é as influências exógenas que a população recebe ao longo dos anos, é a falta de identificação das pessoas com suas raízes culturais. O objetivo deste estudo não foi discutir as origens ou as razões dessa falta de identificação com a cultura nacional, mas tão somente trazer para o debate acadêmico uma iniciativa de resgate da cultura local do município de Luziânia-GO, por meio da iniciativa de ensinar os jovens a importância da preservação da mesma. Para tanto, partiu-se de uma iniciativa simples, em seu conteúdo, mas extremamente relevante em sua concepção, ou seja, fazer com que o jovem luzianense se envolvesse com a busca de suas raízes culturais, por meio da pintura em um utensílio que é vastamente encontrado no Brasil e na região de Luziânia: as cabaças.

O foco do projeto eram os jovens, no entanto, não foi estabelecida faixa etária para quem quisesse participar do projeto. O custeio dos materiais foi todo feito pelos estudantes e, os professores se comprometeram apenas em ensinar as técnicas básicas de pintura e uso de materiais.

As aulas ocorriam sempre duas vezes por semana, no Centro Administrativo da Prefeitura da Cidade, área cedida pela Secretaria de Cultura e na escola. Ao todo participaram do Projeto 26 alunos e 4 professores.

Dois professores ficavam encarregados de ensinar as técnicas de pintura, enquanto outros dois se encarregavam de monitorar os alunos, dando-lhes conhecimentos de história da arte, história brasileira e também, do município de Luziânia-GO. Para que o aluno se sentisse

motivado, foram realizadas várias visitas aos sítios históricos e locais turísticos da cidade, a fim de auxiliá-los a escolher os melhores lugares ou manifestações culturais a serem usadas como temas em suas pinturas. Os temas não foram padronizados, buscou-se dar a mais abrangente possível liberdade criativa para os alunos, de forma que esses pudessem retratar nas cabaças os temas que lhes fossem mais familiares ou motivadores. Abaixo, observa-se um aluno, sendo ensinado a pintar uma cabaça.

O papel do professor como mediador foi o de afastar de uma possível padronização, visto que a maior parte dos alunos, num momento inicial, buscou criar temáticas muito parecidas, sem apresentar um olhar diferenciado para cada trabalho.

Na foto (21), o aluno está em fase de pré-produção da cabaça para receber a pigmentação. O estudo é conduzido com o auxílio de um professor, porém não há interferência, desse, na obra do aluno.



Figura (21): Estudo para confecção de trabalho em cabaça
Fonte: Helio Mendes - 2012

Antes de iniciar o trabalho nas cabaças os alunos eram levados a comentar porquê escolheram retratar determinados temas. Essa conversa com os professores servia para complementar sua compreensão dos temas abordados. Neste contexto, o professor mediador buscava compreender do aluno algumas questões como:

- Qual fato se relaciona ao conteúdo pintado na cabaça?
- Qual é o ano em que este ou aquele monumento foi construído?
- Qual época da história tem relação com esse fato?
- A manifestação cultural representada tinha alguma importância prática para ele, como aluno?
- Por que usar as cores e as técnicas escolhidas?

Neste ponto do projeto foi proposto que os alunos fizessem esboços para treinar a realização da pintura antes de passar para o suporte específico. Poderia ser uma cópia ou também poderia ser uma criação ou mesclar ambos os casos, dependendo da criatividade de cada um. No decorrer das apresentações artísticas foi possível demonstrar técnicas de pintura, como o pontilhismo (técnica de pintura, saída do movimento impressionista).

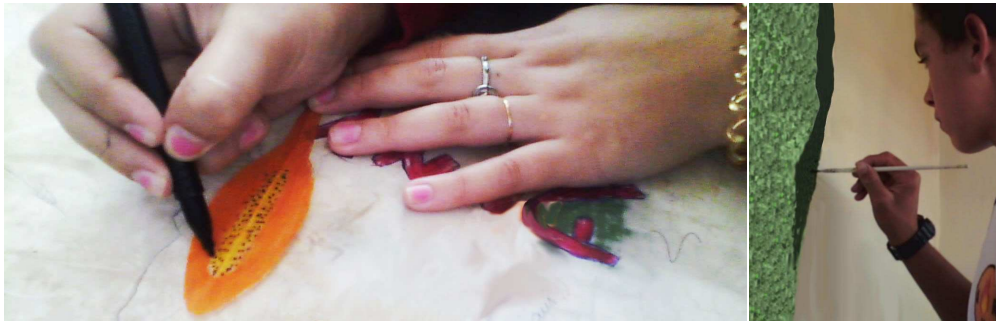


Figura (22): Treino da técnica pontilhista em outro suporte (papel vegetal) e pintura em MDF.
Fonte: Hélio Mendes

3.1. Descrição das atividades e uso de materiais

No espaço de interação entre professores e alunos buscou-se esquematizar o ambiente para tirar máximo proveito do espaço e dos recursos disponíveis, como carteiras, projetores.

Antes do início das atividades era reservado um pequeno tempo para conversar com os alunos e mostrar-lhes a importância da preservação da cultura local, incentivando-lhes a exercitar seu olhar para os pontos diferenciados da paisagem urbana e das manifestações culturais que aconteciam na cidade ou na região. Através da reflexão buscava-se mostrar ao aluno formas de se ambientar ao ensino da Arte, com o intuito de possibilitar que as práticas fluíssem com maior naturalidade.

Foi apresentado vídeo aulas aos alunos, como forma de apresentar obras de autores diversos e também para que eles pudessem conhecer um pouco mais sobre os elementos usados para a pintura. Assim, os alunos puderam entender como era feito o plantio do fruto cabaça, como utilizar as tintas, como criar esboços, como selecionar a melhor técnica de pintura na concepção de cada um.

Foram usadas cabaças coletadas em feiras regionais, na zona rural e em propriedade de diversos alunos que participaram do projeto. Os pigmentos utilizados foram comprados no sistema de parceria, com o auxílio de empresários locais e com a divisão dos custos entre professores e alunos. Os pigmentos eram compostos de uma base de tinta branca, a base de

água, PVA, tintas acrílicas e a óleo, secante cobalto, catalisadores, pincéis, solvente para limpar pincéis, lixa e panos para limpar as cabaças, a fim de tirar as impurezas das cascas e verniz. Abaixo alguns materiais usados para pintura nas cabaças:



Figura (23): pincéis usados para pintura em cabaça
Fonte: Google - 2012

Além dos pincéis foram usados os seguintes pigmentos:



Figura (24): Tintas acrílicas e tintas óleo
Fonte: Google - 2012

Na figura (25) são mostrados mais alguns materiais usados na pintura de cabaças.



Figura (25): Materiais diversos usados na pintura em cabaça
Fonte: Google – 2012

A figura (26) mostra duas cabaças pintadas por alunos, pela técnica de óleo (sobre a cabaça).

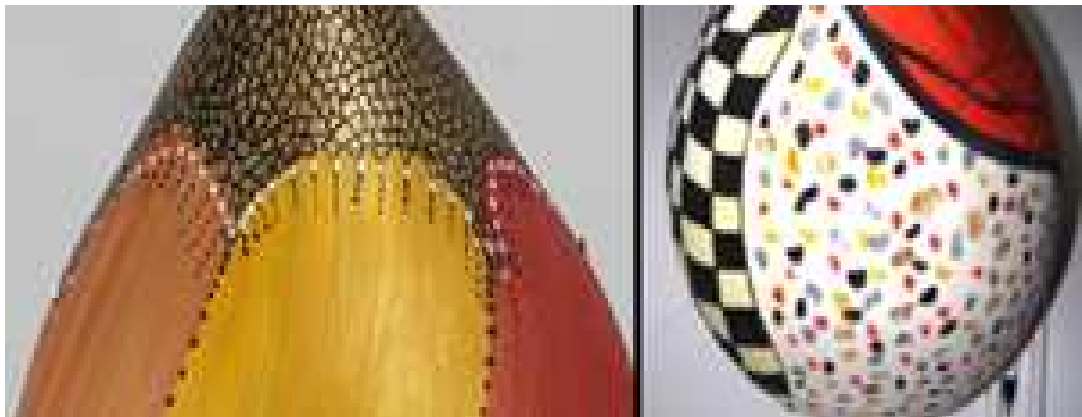


Figura (26): Cabaças pintadas por alunos do projeto
Fonte: Hélio Mendes

As pinturas mostradas na figura (26) mostram algumas cabaças finalizadas. A técnica usada pelos alunos utilizou-se de tinta acrílica (cabaça da esquerda) e de tinta óleo na pintura da direita. As influências denotam aspectos do pontilhismo na cabaça da esquerda e uma mistura do pontilhismo e do cubismo na pintura da direita. Ambas as técnicas foram explicadas pelo professor mediador de artes e a representação mostrada nas figuras denota os telhados do casario antigo, na figura da esquerda e as escadas da sacristia da Igreja do Rosário na pintura da direita. Tudo na visão particular dos alunos que pintaram as referidas obras.

4. BENEFÍCIOS DO PROJETO DE PINTURAS EM CABAÇAS

O projeto em pintura de cabaças foi uma iniciativa de professores da rede pública de ensino de Luziânia-GO de associar a necessidade de preservação histórica da cidade com o ensino das artes plásticas.

O que se observou num primeiro momento é que os alunos tinham uma visão distorcida sobre o ensino das artes, observando-a apenas como uma disciplina didática desconectada da realidade e que só servia para cumprir a matriz curricular. A arte não tinha significado particular para eles. Esse panorama começou a mudar quando os professores lançaram a idéia do projeto e convidaram os alunos a participar.

Para levar a termo o projeto os professores buscaram a participação da comunidade, que se identificou com causa e passou a contribuir com os materiais necessários. A administração da cidade, a Igreja Matriz e a Casa de Cultura cederam os espaços para as palestras e as oficinas. Os professores cederam tempo e disposição para trabalhar com os alunos duas vezes por semana. A duração do projeto foi de aproximadamente 2 meses.

O que se observou ao término do projeto é que os alunos que dele participaram passaram a se tornar mais assíduos e participativos nas aulas de arte. Se antes havia um estado de Anomia em relação às artes, depois do projeto esse estado praticamente desapareceu naqueles que participaram.

Observou-se também que cresceu a frequência dos alunos e a participação daqueles que não participaram do projeto, mas foram levados a ter curiosidade pelo trabalho desenvolvido com os que participaram. Em relação às disciplinas didáticas relacionadas à arte, as notas melhoraram sensivelmente. Embora a proposta do projeto não seja resolver o problema social da violência, o que se observou é que os alunos envolvidos no projeto, que antes não tinham outra atividade e, por conta disso, ficavam ociosos nos horários noturnos, passaram a frequentar mais os pontos turísticos e os monumentos históricos, o que também serviu para afastá-los de locais onde o índice de violência preocupa as autoridades. Relatos dos alunos do antes e depois do projeto denotam que alguns tinham como hábito frequentar locais onde o risco de violência é alto no período noturno e que após o projeto passaram a dedicar-se mais a ficar em casa planejando seus esboços ou fazendo visitas aos locais onde iriam projetar suas temáticas.

Também aumentou o consumo de livros de historia da arte e as pesquisas no Google. As palestras que aconteciam antes do início de cada atividade demonstravam que os alunos

estavam mais inteirados sobre a obra dos autores famosos (usados como fonte de inspiração) e as técnicas utilizadas por esses.

Os gestores públicos atualmente buscam novas estratégias para solucionar os problemas da vulnerabilidade social, e estão encontrando como melhor sucesso a elaboração de projetos sociais, onde recebem um maior *feedback* da sociedade.

A experiência como docente tem mostrado e alguns estudos também, que apenas a educação passada em sala de aula, não consegue, por si só, motivar suficientemente os alunos para o ato de aprender.

Segundo Brandão (2007), um dos problemas mais sérios vistos na educação da atualidade é o fato do aluno não conseguir perceber a importância que os estudos têm para sua formação humanística. A grande maioria dos alunos preocupa-se tão somente com a sua formação profissional. Isso é fruto de uma sociedade tecnocrática que se preocupa em cobrar desses cidadãos apenas o aspecto formal de sua escolarização: o diploma.

Neste contexto, as pessoas se preocupam em apenas estudar para ter diploma e conseqüentemente conseguir adentrar ao mercado de trabalho. Não se busca uma compreensão do mundo que nos rodeia, o diploma passa a ser a meta, o fim de toda busca acadêmico-profissional, ao invés de se buscar o conhecimento, valoriza-se mais o diploma, o que demonstra nitidamente uma inversão de valores.

Os alunos não se sentem motivados por aulas que não terão, na visão deles, nenhuma influência nas carreiras que eles escolherem e, neste contexto, as aulas de artes, para aqueles que não pretendem se tornar artistas, não tem qualquer sentido e passam a figurar como uma obrigação curricular. Tais alunos não conseguem perceber que o interesse do professor de artes não é torná-los artistas cênicos ou plásticos, mas tão somente conseguir entender, que a arte tem um papel conscientizador fundamental na vida de qualquer indivíduo.

Neste contexto, o projeto de pinturas em cabaças buscou aproximar o aluno dessa vertente da arte: criar consciência crítica e treinar o olhar do cidadão luzianense para perceber a necessidade de preservar seus patrimônios culturais. Utilizar da arte para inserir a importância da cultura local e regional nos alunos envolvidos foi a importante proposta do projeto.

O interesse pelo projeto tem se alastrado e feito com que mais pessoas tenham buscado informações e se interessado em participar. Tal interesse dos alunos e demais pessoas da comunidade motivou a Secretaria de Cultura do Município a formar um grupo de estudos, com a proposta de analisar o projeto e verificar a possibilidade de levá-lo a toda rede municipal de ensino.

4.1. Alcance didático do projeto

Desde o seu nascimento a pessoa tem sede pelo aprendizado. Nascemos, crescemos e evoluímos como pessoa e como cidadão com base no que aprendemos da vida. Aprender é um processo natural que não desgasta as estruturas cerebrais e que impulsiona nossa espécie à evolução.

O contato com a arte proporciona ao indivíduo o aflorar de sua criatividade, a percepção de suas potencialidades e a efetivação de suas habilidades. A arte apura os sentidos, adentra o olhar e sensibiliza a percepção. Neste contexto, o artista ou mesmo o leigo que se interesse por arte, tem a sua disposição um instrumento capaz de abrir-lhe as janelas da percepção e impulsioná-lo a experimentação de sensações diversas.

O que se buscou com o projeto de pintura em cabaças foi apurar o olhar dos participantes não apenas das suas potencialidades artísticas, mas, sobretudo, da condição social em que vive, conscientizando-o a participar do esforço conjunto, necessário, para a preservação da cultura e do patrimônio da cidade de Luziânia-GO. O alcance didático do projeto deu-se, sobretudo, pela maior interação dos alunos com a disciplina de artes e também com outros temas transversais (história, filosofia, artes entre outras) que fazem parte da matriz curricular do ensino fundamental e médio.

4.2. Recomendações e técnicas para melhor resultado

Aconselha-se antes de tentar reproduzir ações como as expressas nesse projeto, que os alunos sejam incentivados a conhecer diversos estilos de pintura, a fim de que não se prendam ao estilo impressionista ou a outros quaisquer, visto que alguns estilos podem dificultar a execução dos trabalhos em cabaças. Estilos que não demandem de uma habilidade maior com o desenho pode ser mais adequado a esse tipo de projeto. Nos trabalhos executados dos alunos, observou-se que houve um grande interesse pelo pontilhismo, no entanto, técnicas que usem o estilo cubista, por exemplo, ou o concretismo geométrico poderia ser mais facilmente desenvolvido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo central deste estudo foi identificar de que forma a arte pode auxiliar na preservação da cultura local de uma cidade e motivar os alunos e a comunidade na preservação dessa cultura.

Ao longo da investigação foi possível demonstrar que a arte assume diversas funções, sendo que ela pode ser usada para registrar a história, ensinar, conscientizar, formar opinião e protestar entre outras coisas.

Observando esse potencial que a arte tem de conscientizar e, em face da necessidade de produzir ações que culminem na preservação de um patrimônio histórico cultural, um grupo de professores da cidade goiana de Luziânia deu início a um projeto que tinha uma proposta simples: pintar cabaças para promover nos jovens e adultos o gosto pela arte e pela preservação dos monumentos materiais e imateriais de sua cidade.

A proposta foi bem aceita pelos 26 participantes que iniciaram o projeto e os resultados demonstram que o interesse, tanto pela arte em si, quanto pela preservação dos monumentos histórico-culturais da cidade aumentou nesses cidadãos. Em nenhum momento se buscou criar um projeto de profissionalização de pintores ou de artistas, mas tão somente de dar a esses participantes uma oportunidade de ver a arte e a cidade onde moram com um olhar diferenciado.

O uso de cabaças como matéria prima do projeto tinha como objetivo diminuir os custos e facilitar o acesso dos alunos a materiais que fazem parte da rotina dos alunos. O que se observou é que o projeto conseguiu dar a esses estudantes uma nova perspectiva de olhar a cidade. Isso gerou nos alunos uma motivação maior para aprender mais a disciplina e motivar seus colegas de classe em participar mais das aulas.

Por fim, conclui esse estudo que a arte pode, sim, servir como instrumento de preservação cultural, se houver engajamento da sociedade e também dos mecanismos Estado. Esse engajamento é importante para se criar apreço pelo estudo da arte e também consciência quanto à necessidade de preservação dos patrimônios materiais e imateriais de uma determinada região. Quanto mais consciente for o cidadão, mais participativo ele será na comunidade em que vive e todos só têm a ganhar com isso.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, Aracy.; TORAL, André. **Arte e sociedade no Brasil**. São Paulo: Instituto Callis, 2010.

BRANDÃO, Zaia. **A crise dos paradigmas e a Educação**. Disponível em: <http://www.ufvjm.edu.br/site/educacaoemquimica/files/2011/03/A-Crise-dos-Paradigmas.pdf> acesso em: 10.01.2013 às 21h57.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Cidades**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1> acesso em: 08.01.2013 as 14h21.

FALEIRO, Angelita. **Desbravando nosso folclore**. São Paulo: Biblioteca 24 horas, 2010.

FARTHING, Stephen.; CORK, Ricardo. **Tudo sobre arte**. São Paulo: Sextante, 2010.

HIGOUNET, Charles. **História Concisa da Escrita**. São Paulo: Parábola editorial. 2003.

LITTLE, Sthepen. **...Ismos: para entender a arte**. São Paulo: Globo, 2011.

LÓPEZ, Citlalli, SHANLEY, Patricia.; FANTINI, Alfredo Celso.; CRONKLETON, Martha Cuba. **Riquezas da floresta frutas, plantas medicinais e artesanato na América Latina**. Disponível em: <http://webdoc.sub.gwdg.de/ebook/mon/2010/ppn%20631027165.pdf> acesso em: 14.01.2012 às 23h50.

MEDEIROS, Yara. **Cultura na Equação da Economia**. Disponível em: <http://www.revistaporanduba.com.br/wp-content/uploads/2011/12/Cultura-em-MS-I.pdf> acesso em: 03.01.2013 às 21h53.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez, 2000.

PREFEITURA MUNICIPAL DE LUZIÂNIA. **História**. Disponível em: http://www.luziania.go.gov.br/cultura_desporto.php acesso em: 09.01.2013 as 21h57.

SIMÃO, Maria Cristina Rocha. **Preservação do Patrimônio Cultural em Cidades**. Coleção Cultura e Lazer, nº 3. Belo Horizonte: Autentica, 2001.

SMITH, RAY. **Manual Prático do Artista**. 2ª ed. São Paulo: A & C, 2012.

SHUSTERMAN, Richard. **Vivendo a arte. Pensamento pragmatista e estética popular**. São Paulo: Editora 34, 1998.

TREVISAN, Armindo. **Como apreciar a arte: do saber ao sabor: uma síntese possível**. 3ª ed. Porto Alegre: AGE, 2002.

ANEXOS



Anexo A:
Apresentação de palestra com mostra de fotos cedidas pela “Casa de Cultura de Cultura Rui Carneiro” Luziânia-GO. Palestrante: Prof. Helio Mendes e alunos da Escola Estadual Antônio Valdir Roriz.
Fonte: Helio Mendes



Anexo B: Atividades na “Casa de Cultura de Cultura Rui Carneiro” Luziânia-GO. Prof. Helio Mendes e alunos da Escola Estadual Antônio Valdir Roriz.
Fonte: Helio Mendes



Anexo C: Atividades na “Casa de Cultura de Cultura Rui Carneiro” Luziânia-GO. Funcionária Maria da Conceição Oliveira, mostrando o acervo que conta a história da cidade. A Casa de Cultura possui num total de 8 salas mais a diretoria: sala Gelmires Reis, sala da Cavalhadas, sala das máquinas, sala dos foliões Ofir Mulato, sala de recepção. Fonte: Helio Mendes.



Anexo D: Fases da pintura em cabauas e algumas peças elaboradas. Estudo usando o quadro branco. Fonte: Helio Mendes



Prefeitura em Ação

CONVITE – I^a CONFERÊNCIA MUNICIPAL DE CULTURA

A Prefeitura de Luziânia e Secretaria Municipal de Cultura convidam toda sociedade Luziãense para participar da **I Conferência Municipal de Cultura** de Luziânia a realizar-se no dia **11 de maio** das 8:00h às 18:00h no Centro de Convenções e Cultura Abigail Brasil da Silveira, centro.

Tema Geral: "Sistemas Municipais e Estaduais de Cultura"

Temas Específicos:

- 1- Fortalecimento da Gestão e Participação Social;
- 2- Fomento à Cultura e Estratégias de Desenvolvimento Econômico;
- 3- Lei de Incentivo e Fundo Municipal de Cultura.

Sua presença é muito importante. Venha participar e discutir a cultura de nossa cidade.

PROGRAMAÇÃO

Local: Centro de Convenções e Cultura Abigail Brasil da Silveira, 11 de maio de 2012 (sexta)

8h às 8:30h - Café da manhã e Inscrições no local (para quem ainda não fez)

8:30h às 8:45h - Composição da mesa de abertura

9:00h às 9:20h - Abertura da Plenária – apresentação da mesa

9:20h às 10h - Painel expositivo com o convidado **Haroldo Menezes**

Tema: "Políticas públicas para a economia criativa"

10:00h às 10:40h Painel expositivo com **Júlio Rocha**

Tema: "Gestão e institucionalidade da cultura"

10:40h às 11:00h - Formação dos grupos de trabalho

11:00h às 12:00h - Discussão dos temas nos grupos de trabalho

12:00h às 13:00 - Almoço – Por conta do participante

13h 15 Apresentação Cultural (Violeiros)

13h30 - Elaboração de propostas estratégicas por eixo

15:00h - Compartilhamento de resultados e priorização

16:30h - Escolha dos Delegados (5% do total de participantes)

17:00h - Orientações gerais sobre os próximos passos

17:30h - Encerramento e confraternização (Café da tarde)



Crachá de participação em evento.

Veja os passos para iniciar em manter um fórum de cultura no seu município ou região:

1º Passo: Identificar e reunir pessoas que representem todas as áreas culturais do seu município ou região.

2º Passo: Realizar reuniões regulares. É importante manter todo mundo informado e conversando. São os encontros, as reuniões, os debates e as decisões tomadas em conjunto que caracterizam a essência do fórum.

3º Passo: Colocar no papel os problemas e as propostas, as dificuldades e as oportunidades. Cada região deverá apresentar suas sugestões por escrito.

4º Passo: Participe dos fóruns setoriais estaduais. Eles serão grandes encontros em que você poderá trocar idéias com outras regiões do Estado. Fique de olho na agenda programada da Agepel (Agência Goiana de Cultura Pedro Ludovico Teixeira).

5º Passo: Não deixe de apresentar os resultados às outras pessoas da sua cidade. Quanto mais gente participar melhor.



Anexo F: Participação da Iª Conferência Municipal de Cultura juntamente com o Professor Helio e apoio da Diretora da Casa da Cultura de Luziânia Diane Gonçalves da Silva.

O evento trouxe crescimento para os alunos em relação à valorização do patrimônio do município e também incentivo para escolher pontos turísticos para inspirar seus trabalhos futuros. Nesse fórum os alunos conheceram ações da Prefeitura em relação ao Sistema de Cultura do Município, o qual tem a meta de realizar reuniões regionais de mobilização que abrange 19 áreas de atuação: Audiovisual, Artesanato, Arquitetura, Arquivos, Arte Digital, Artes Visuais, Circo, Teatro, Cultura Popular, Cultura Afro-brasileira, Culturas Indígenas, Dança, Design, Literatura, Música, Moda, Museus, Patrimônio Material e Patrimônio Imaterial.

Fonte: Agência Goiana de Cultura Pedro Ludovico Teixeira – AGEPEL – fórumsetorialdecultura@gmail.com.

Fotos: Helio Mendes (licenciado em Artes Visuais UnB/UAB) / alunos da Escola Estadual Antônio Valdir Roriz.



Anexo G: Oficina com alunos do Colégio Professor Antônio Valdir Roriz – Luziânia GO
Fonte: Helio Mendes



Anexo H: Professores participantes: Prof. Iusley (História); Prof. Lorena (Literatura);
Prof. Hélio (Idealizador do Projeto - Artes) e Prof. Lélia (Filosofia).
Fonte: Hélio Mendes